

## Resumo

Esta comunicação pretende fazer uma rápida apresentação da analítica do *Dasein* presente em *Ser e Tempo* a fim de mostrar que Heidegger pensa o sentido do ser em uma única direção, a do ser-para-a-morte. O que objetivamos mostrar é que para que essa análise do *Dasein* esteja completa é preciso também pensar o sentido do ser como um ser-para-o-início. Para realizar essa discussão faremos uso da teoria do amadurecimento de Winnicott que parece iluminar de forma exemplar essa questão, na medida que esse autor concebe a natureza humana a partir do seu sentido de ser-para-o-início.

## Ser-para-o-início

Ao questionar a metafísica, e com esse questionamento voltar às origens dos fundamentos metafísicos, Heidegger se perguntou pelo sentido do ser. Essa pergunta é fundamental e fundante para a fenomenologia existencial, pois é a pergunta pelo homem destituído de seus afazeres, isto é, não pergunta pelo agir, pelo fazer. Para Heidegger, em *Ser e Tempo*<sup>1</sup>, a questão que se coloca é a do ser (*Sein*) ou, mais propriamente, a pergunta é pelo sentido do ser. Porém, perguntar-se-ia, com o quê ou com quem essa questão pelo sentido do ser se relaciona. Em Heidegger: com o ente. Não com qualquer ente, mas com o ente que nós mesmos somos.

O ser acontecente é desvelado em seu poder-ser originário através da angústia. Através da angústia o ser do *Dasein* mostra-se como cuidado (*Sorge*). Cuidado do meu próprio *Dasein* como ser-no-mundo e o dos outros em geral. O cuidar é um fenômeno ontológico fundamental, isto é, no fenômeno do cuidado o homem preocupa-se (*Fürsorge*) com o seu próprio existir e com o existir em geral<sup>2</sup>. Isto porque o homem é um ser-no-mundo que, enquanto presença, é também um ser-com os outros o que lhe permite a abertura para a convivência. Esse fenômeno do cuidado se dá em uma temporalidade finita. Com temporalidade finita do *Dasein* se é levado a pensar em início, fim e em um ‘entre’ entre esses dois extremos.

*"O homem heideggeriano existe como um estar-ai-no-mundo, que tem que cuidar desse seu Dasein e do existir de todas as coisas intramundanas."*<sup>3</sup>

Nota-se, portanto, que o ser do homem é um *ser-para-o-fim* (*Sein zum Ende*). Heidegger considera que um “fim” é a morte, o outro é o nascimento.

“A morte é, no entanto, o ‘fim’ do *Dasein* e, em sentido formal, apenas *um* dos fins que abrangem a totalidade do *Dasein*. O outro ‘fim’ é o ‘princípio’ [Anfang], o ‘nascimento’”<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Faremos uso da tradução brasileira de *Ser e Tempo* (Ed. Vozes, Petrópolis, 2000), cotejada com o original em alemão, *Sein und Zeit* (Gesamtausgabe, vol. 2, Vittorio Klostermann, Frankfurt, 1977). Por isso, seguir-se-á a numeração de ambas as edições. Assim, a numeração que aparece após o ponto e vírgula refere-se ao texto em alemão.

<sup>2</sup>Ibid., p. 174; p. 163.

<sup>3</sup>Loparic, Z. Winnicott e o pensamento pós-metafísico. *Rev. Psicologia USP*, vol. 6, nº 2, São Paulo, 1995, p. 57.

<sup>4</sup> Heidegger, *Ser e Tempo*, § 72, p. 177; 493.

O “entre” (*Zwischen*) nascimento e morte é o *extendimento* (*Erstreckung*) que se encontra entre esses dois fins. O extendimento do Dasein não significa seqüência de vivências ou soma das realidades momentâneas de vivências. O Dasein não preenche a vida como se essa fosse um espaço vazio, “ao contrário, ele se estende a *si mesmo* de tal maneira que seu próprio ser já se constitui como extendimento. *No ser [Im Sein]* do Dasein, já subsiste um ‘entre’ que remete a nascimento e morte.”<sup>5</sup> Assim, o ‘contexto da vida’ (*Zusammenhang des Lebens*), que é seu extendimento, movimentação e permanência do Dasein, determina-se pela sua acontecência: “chamamos de *acontecer* [*Geschehen*] do Dasein a movimentação específica deste *estender-se* no extendimento [*Bewegtheit des erstreckten Sicherstreckens*].”<sup>6</sup> O extendimento está permeado pelo tempo. Por isso se diz que o Dasein que acontece nesse extendimento é temporal. Nesse sentido, a elaboração da temporalidade como sentido ontológico do cuidado que fundamenta a possibilidade da unidade do Dasein não pode ser tomado como algo simplesmente dado, isto é, “a movimentação da existência não é o movimento de algo simplesmente dado.”<sup>7</sup> A movimentação da existência se determina pelo extendimento do Dasein em um tempo finito.

O “entre”, visto como contexto da vida, faz-se possível pelo estar-lançado e pelo ser-para-a-morte em sua fuga e antecipação, limitado pelos dois fins: nascimento e morte.

Esse entre não é sozinho e isolado no mundo. Como é próprio do ser do Dasein sempre apresentar-se no modo de ser-com, o acontecer do ser do homem é sempre um acontecer conjunto.

*“o Dasein (...) só existe essencialmente como ser-no-mundo no ser-com os outros, o seu acontecer [Geschehen] é um acontecer conjunto [Mitgeschehen].”*<sup>8</sup>

Se o ser acontecente é o ente que existe neste entre, então, segue-se de imediato as perguntas: como ele deve ser pensado? O que resulta dessa forma de pensamento sobre o ser como acontecente?

Concedido o fato da acontecência, esta não deve ser pensada de acordo com o modelo metafísico da ciência natural. O homem não pode ser mais visto como um construto impulsionado por forças, como sendo capaz de mensurar e calcular todas as coisas da natureza, inclusive a si mesmo.

Com esse resumo, bastante superficial, pretendemos apenas localizar a posição no qual o Dasein se encontra dentro da analítica apresentada por Heidegger.

Como pudemos observar, Heidegger localiza o Dasein limitado entre dois fins: nascimento e morte. No entanto, o Dasein é analisado sempre como um ser-para-o-fim (§§ 51,52,53) e é a angústia a desveladora desse limite do ser.

Ora, se Heidegger leva em conta que o nascimento também é um dos fins do ser, então, este também deveria ser estudado dentro da analítica do Dasein. Isso não parece acontecer em *Ser e Tempo*. E por quê? Poderia-se perguntar. Talvez por Heidegger pensar a estrutura do tempo da acontecência humana como circular esses dois pontos seriam os mesmos, porém em posições opostas em relação ao extendimento do ser. Que seja! Todavia, isso deixa a análise do Dasein incompleta, pois por se encontrarem em posições opostas a análise do nascimento como um dos fins do ser deverá ser diferente em muitos aspectos daquela do ser-para-o-fim.

<sup>5</sup> Heidegger, M. *Ser e Tempo*, § 72, p. 179; 495. Sobre o “entre” nascimento e morte em Winnicott ver seu livro *Human Nature*. New York: Brunner Manzel, 1988, p. 132

<sup>6</sup> *ibid.*, p. 179; 495.

<sup>7</sup> *Id. Ibid.*

<sup>8</sup> *ibid.*, § 74, p. 190; p. 508.

Antes de avançarmos nessa tentativa de pensar o ser-para-o-início é preciso notar que quando Heidegger pensa o sentido do ser como um ser-para-o-fim, ele parte do pressuposto de que esse sentido de ser já está garantido pelo simples fato do existir. Ele já faz parte do ente, porém foi esquecido pelos modos de ser impróprios do ser vivenciados no cotidiano.

Podemos partir desse ponto para a nossa tentativa de análise. Para que ela seja facilitada usaremos como referencia a teoria do amadurecimento humano da psicanálise de Winnicott.

Quando Heidegger pensa os dois fins do ser o que há antes e o que há depois desses fins é o nada.

O ser-para-o-início pensado por Winnicott também pressupõe que antes do ser o que existe é o nada.

O que encontramos diante dos nossos olhos quando nasce um bebê é um indivíduo, todavia isso não quer dizer que ele já seja um ser. No momento inicial o indivíduo que ali vemos é um não-ser. O seu ser ainda está por ser conquistado. Pode-se dizer que “somente a partir da não-existência pode a existência começar”<sup>9</sup>. Ele, enquanto ser, é e está no nada<sup>10</sup>, por isso é possível dizer que “a vida de uma pessoa consiste num intervalo entre dois estados de não-estar-vido”<sup>11</sup>. As experiências que são vivenciadas pelo bebê antes de seu nascimento ou após ele não significam nada para a vida do bebê até que ele possa ser, não basta que se considere ele como um ser humano para que possa ser. Ser é a condição de possibilidade para que tudo que aconteceu antes do nascimento ou venha a acontecer depois possa fazer sentido e poder ser usado pelo bebê com algum proveito.

O bebê surge do nada para o ser. Ele vai do não-ser para o ser. Porém, isso não quer dizer que basta uma mãe ou alguém que cuida esteja por perto para que isso possa acontecer. É preciso acontecer muitas coisas até que se possa dizer que ali está um ser que é. Os bebês que “não recebem este tipo de cuidados suficientemente bons não conseguem se realizar, nem mesmo como bebês. Os genes não são suficientes”<sup>12</sup>.

Antes de prosseguir nesse acontecimento do existir que é se tornar ser, fixemos alguns pontos atingidos até o momento. Dissemos que o bebê mesmo antes de nascer já é considerado como um ser humano, mas que nem por isso ele já é ser. O que existe no início, apesar de alguns acontecimentos antes do nascimento terem sido experienciados, é o nada do ser, pois é necessário que um sentido e uma continuidade de ser possam fazer parte do bebê para que o que já se passou e o que está por advir possam ter algum sentido na sua existência. Só a presença de um ser que é e que cuida pode ajudar o bebê em seu início.

Admitido que o primeiro momento da existência humana está ligado a um não-existir enquanto ser, ou seja, que o primeiro momento do ser ainda é um não-ser, então, segue-se a pergunta: como se passa do nada, lugar que não existe e onde não se é, para o início do ser? A resposta é simples e direta, torna-se ser através do cuidado.

Quando o bebê nasce, embora nos seus primeiros instantes esteja envolto no nada, existe um meio-ambiente<sup>13</sup> que o sustem. Nesse momento, a dependência em relação ao ambiente, a mãe (ou mãe substituta), é absoluta e cuidado nesse momento

---

<sup>9</sup> Winnicott, D. W. *Fear of Breakdown. Psycho-analytic Exploration*. Cambridge: Harvard University Press, 1989, p. 95.

<sup>10</sup> Atente-se que essa é uma discussão teórico-conceitual e que do ponto de vista dos pais o seu bebê pode representar o tudo e o todo de suas vidas.

<sup>11</sup> Winnicott, D. W. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 154.

<sup>12</sup> id. p. 84.

<sup>13</sup> O meio-ambiente nesse momento inicial é a mãe comum devotada.

significa adaptação às necessidades do bebê. O que existe nesse estágio inicial ainda não é um bebê que tem um self individual ou um indivíduo que é por si. O que existe aí é um par que juntos formam um dois-em-um humano, onde não é possível pensar um (o bebê) sem os cuidados e a existência do outro (a mãe).

*“Ao examinarmos as raízes mais precoces do desenvolvimento emocional, encontramos uma dependência cada vez maior. Nos estágios iniciais a dependência do ambiente é tão absoluta que não há utilidade alguma em pensarmos no novo indivíduo humano como sendo ele a unidade. Nesse estágio, a unidade é o conjunto ambiente-indivíduo (...), unidade da qual o novo indivíduo é apenas uma parte. Nesse estágio tão inicial não é lógico pensarmos em termos de indivíduo, e não apenas devido ao grau de dependência ou apenas porque o indivíduo ainda não está em condições de perceber o ambiente, mas também porque ainda não existe ali um self individual capaz de discriminar entre o EU e o não-EU.”<sup>14</sup>*

Assim, é a presença e o cuidado provido pelo ambiente que permitem que um sentido de existência, que ainda não estava estabelecido, possa ser instalado. Porém, há ainda um estado intermediário entre nada e ser que precisa ser considerado nesse início do existir. Por isso, segue a questão: “Qual é o estado do indivíduo humano quando o ser emerge do interior do não-ser?”<sup>15</sup>

Esse estado é o da *solidão essencial* que só pode existir em condições de dependência máxima<sup>16</sup>. Desde esse momento, é preciso pensar que o ser começa a existir como continuidade de ser. A existência se dá a partir do sentido de continuidade de ser e ela não deve ser interrompida pelas possíveis intrusões do ambiente. Isso nos remete à importância do cuidado. Nesse início, o cuidado provido pelo ambiente além de ser adaptativo às necessidades do bebê, também deve protegê-lo de qualquer interrupção do seu continuar a ser, pois, nesse início de dependência máxima, o bebê está totalmente indefeso.

*“Aqui, neste início, a continuidade do ser do novo indivíduo é destituída de qualquer conhecimento sobre a existência do ambiente e do amor nele contido, sendo este o nome que damos (nesse estágio) à adaptação ativa de uma espécie e dimensões tais, que a continuidade do ser não é perturbada por reações contra a intrusão”<sup>17</sup>*

Todavia o que se quer dizer com solidão essencial? Este é o estado no qual o bebê se encontra quando desperta para o seu primeiro momento de ser. Quando o sentimento de estar-vivo surge para o bebê. Ele se encontra nessa solidão essencial do existir porque, como dito acima, a existência de um ambiente que cuida e que protege ainda não passou a existir para ele, esse ambiente só vai começar a fazer sentido para o bebê quando começar o seu processo de integração. Note-se, é preciso que o ambiente proveja cuidados contínuos para que a continuidade de ser não seja interrompida, ainda que o ser que acabara de surgir não tenha noção alguma de que é esse cuidado que assegura a sua possibilidade de começar a ser.

A partir do momento que o ser se encontra no estado de solidão essencial é possível, como um ser que já começa a existir, se formar a idéia de um não-estar-vivo, conseqüentemente, uma idéia da morte e do nada do ser.

---

<sup>14</sup> Winnicott, D. W. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 153.

<sup>15</sup> Id. *ibid.*

<sup>16</sup> id. p. 154

<sup>17</sup> id. *ibid.*

*“O estado anterior ao da solidão é um estado de não-estar-vivo (...) A experiência do primeiro despertar dá ao indivíduo a idéia de que existe um estado de não-estar-vivo cheio de paz, que poderia ser pacificamente alcançado através de uma regressão extrema. Muito do que é dito e sentido a respeito da morte, na verdade se refere a este estado anterior ao estar-vivo, no qual o estar sozinho é um fato e a dependência se encontra muito longe de ser descoberta.”<sup>18</sup>*

Este estado de solidão essencial, que é característico do começar a existir humano, será esquecido com o passar do tempo. No entanto, por ser a marca do ser em seu início, o momento do qual ele emerge, ele sempre será inerente à existência humana.

*“Com exceção do próprio início, não haverá jamais uma reprodução exata desta solidão fundamental e inerente. Apesar disso, pela vida afora do indivíduo continua a haver uma solidão fundamental, inerente e inalterável, ao lado da qual continua existindo a inconsciência sobre as condições indispensáveis a este estado de solidão.”<sup>19</sup>*

Pararemos por aqui. Essa é apenas uma primeira tentativa de se pensar o início do sentido do ser. O que queríamos apresentar é que para se pensar o Dasein é preciso que alguma continuidade de ser possa ser mantida e que há um longo caminho, com possíveis grandes dificuldades, para se trilhar a fim de que se alcance um sentido de ser que torne possível colocar a questão pelo próprio sentido de ser.

O estudo do ser-aí no mundo será sempre incompleto se não se começar a pensar o sentido de ser também para o seu início.

## **Bibliografia**

- Heidegger, M. *Ser e Tempo* Ed. Vozes, Petrópolis, 2000  
\_\_\_\_\_. *Sein und Zeit* Gesamtausgabe, vol. 2, Vittorio Klostermann, Frankfurt, 1977.
- Loparic, Z. Winnicott e o pensamento pós-metafísico. *Rev. Psicologia USP*, vol. 6, nº 2, São Paulo, 1995.
- Winnicott, D. W. *Fear of Breakdown. Psycho-analytic Exploration*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

---

<sup>18</sup> id. *ibid.*

<sup>19</sup> id. *ibid.*